

“ELE DISSE QUE CHEGAVA LÁ”: A CONSTRUÇÃO DE UM JORNAL-MURAL COM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO PSICOSSOCIAL

(“HE SAID HE GOT THERE”: THE CONSTRUCTION OF A NEWSPAPER-MURAL WITH CHILDREN IN PSYCHOSOCIAL RISK SITUATION)

Fábio Scorsolini-Comin 1; Vítor Queiroz Santos 2; Manoel Antônio dos Santos 3

1 Instituto de Ensino e Pesquisa em Administração – Ribeirão Preto – SP
PG – Universidade de São Paulo
fabio.scorsolini@usp.br

2 G – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Franca – SP

3 Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto – SP
Docente da FFCLRP-USP

Abstract. *This work presents an initiative of social inclusion by the production of a newspaper with children and adolescents at risk psychosocial, realized by educators of assistance of a core of children and youth in the city of Ribeirão Preto. From the perspective of Psychoeducational, these young people are perceived as co-builders of its developments, working values such as citizenship, respect for the environment, as well as an incentive to reading and writing, points assessed as critical in the population studied. This experience has been seen positive in a process of intervention with the community also in a tool for training young reflective and aware of their social roles.*

Keywords. *Psychosocial risk; social inclusion; newspaper; youth role; psychoeducation.*

Resumo. *O presente trabalho apresenta uma iniciativa de inclusão social a partir da realização de um jornal com crianças e adolescentes em situação de risco psicossocial, por educadores de um núcleo de assistência infanto-juvenil, no município de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. A partir da perspectiva da Psicoeducação, esses jovens são percebidos como co-construtores de seus desenvolvimentos, trabalhando valores como a cidadania, o respeito ao meio ambiente, além de um incentivo à leitura e escrita, pontos avaliados como críticos na população estudada. Esta experiência vem sendo observada como positiva enquanto processo de intervenção junto à comunidade e também como ferramenta de formação de jovens reflexivos e conscientes de seus papéis sociais.*

Palavras-chave. *Risco psicossocial; inclusão social; jornal; protagonismo juvenil; psicoeducação.*

1. Introdução

“(…) Desde o começo eu não disse, seu moço! Ele disse que chegava lá. Olha aí! Olha aí! Ai, o meu guri”. (Chico Buarque, O meu guri)

1.1. Infância e adolescência em situações de risco

De acordo com a terminologia (Ariès, 1978), infância remete à idéia de ausência de fala – esta noção acaba por penetrar no modo como a infância acaba sendo encarada, sendo a criança tida como incapaz de se tornar sujeito do discurso. Esta concepção de ausência de fala está fortemente enraizada em nossa sociedade, deixando as crianças em uma posição de assujeitamento, assim como outros grupos em nosso contexto sócio-histórico (Lajola, 1997; Freitas, 1997). Já em relação à adolescência, encontram-se muitas tentativas de defini-la, embora nem todas as sociedades possuam este conceito. Aberastury & Knobel (1981) afirmam que a adolescência se caracteriza, sobretudo, pelas mudanças físicas, mudanças que se refletem em todo o comportamento. A adolescência, assim, é uma atitude cultural e social. Refletindo sobre a construção da identidade no adolescente, Aberastury & Knobel (1981) afirmam que os adolescentes precisam dar continuidade a toda essa gama de elaborações e sentimentos dentro da sua personalidade. À medida que os vínculos sociais vão se estabelecendo, um conjunto de características vai sendo valorizado, desde características necessárias para ser aceito pelo grupo, até características necessárias para expressar um estilo que agrada a si próprio e ao outro.

Segundo levantamento feito por Ceconello e Koller (2003), o contato com populações que vivem sob condições precárias de saúde e segurança, expostas a situações de risco pessoal e social, tem despertado o interesse por pesquisas que focalizam problemas sociais e a maneira como crianças se desenvolvem nesse contexto. Estes estudos retomam a importância do ambiente e do indivíduo em interação na análise do processo dinâmico de adaptação psicológica (Célia, 1997). O conceito de *resiliência* pode ser entendido como a capacidade dos indivíduos de superar os fatores de risco aos quais são expostos, desenvolvendo comportamentos adaptativos e adequados. No desenvolvimento da resiliência emocional, Rutter (1990) aponta como fatores importantes as experiências positivas, capacidade para lidar com mudanças e adaptações, e um repertório amplo de abordagens para solução de problemas.

1.2. Protagonismo juvenil e inclusão social

Segundo Roriz (2005), a discussão sobre a inclusão possui grande impacto na sociedade atual, quer seja inclusão social, digital, cultural, econômica ou escolar, além da desinstitucionalização e muitas outras. No entanto, a concepção do que venha a ser inclusão e qual a sua função na sociedade não é homogênea, não havendo uma definição comum sobre inclusão, sendo que sua terminologia vem sofrendo mudanças através dos anos. Para Spink (2003), a mudança social, incluindo a definição de novos parâmetros de inserção social para os marginalizados, passa necessariamente pela compreensão das construções históricas, de modo a abrir espaço para os processos de ressignificação. A partir desta noção, Rabêllo (2006) desenvolve o conceito de protagonismo, que seria a atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva. Abre-se, com isso, a importância de se pensar que o jovem não é e não pode ser um receptáculo de conhecimentos e cerceamentos, mas sim um palco no qual se atualizam desejos, necessidades, reflexões e transformações. Neste trabalho, abre-se a discussão de como a mobilização a partir de um projeto de construção de um jornal em uma instituição de atenção à criança e ao adolescente pode ser promotora de perfis alinhados com os desafios do

protagonismo juvenil. Como protagonizar? Onde? Por quê? A realização deste projeto, assim, aponta algumas questões que deverão ser refletidas, a fim de contribuir para alguns desses apontamentos.

2. Objetivos

Apresentar o Projeto Jornal-Mural, desenvolvido junto a crianças e adolescentes em situação de risco psicossocial de uma instituição pública, com o objetivo de trabalhar temas relacionados à inclusão social. Tal trabalho objetiva, ainda, instrumentalizar teoricamente futuras propostas de intervenção social junto a essas populações.

3. Método

3.1. Participantes: Participaram do projeto cerca de 30 crianças de seis a treze anos de idade. A primeira edição do projeto durou cerca de dois meses. Essas crianças são moradores de um bairro periférico da cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. O bairro é de dimensões pequenas, mas se concentra dentro de um complexo periférico de destaque na cidade.

3.2. Local: Este projeto foi realizado em um Núcleo de Assistência à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco Psicossocial, mantido pela Secretaria de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Os núcleos de atendimento à criança e ao adolescente situam-se dentro do atendimento de caráter social básico de média complexidade e visam o atendimento preventivo à criança e ao adolescente na faixa etária de 5 a 17 anos, com apoio psicossocial, oferecendo-lhes atividades complementares à escola.

3.3. Referencial teórico: Trabalhou-se com o referencial da Psicoeducação (Bazon, Azevedo & Pestana, 2005), que prevê o investimento concomitante em três dimensões inerentes à tarefa de intervir no experiencial: o *saber*, o *saber-ser* e o *saber-fazer*. O *saber* está relacionado ao conhecimento científico que o profissional precisa ter para a sua atuação. O *saber-ser* refere-se à postura do profissional frente à clientela, às suas atitudes que permitem ao mesmo estabelecer um contato acolhedor, eficaz e ético, estimulando a reflexão da criança/adolescente, a fim de que possa compreender a si e ao mundo de forma consciente. O *saber-fazer* se relaciona à própria atuação do profissional, a sua prática cotidiana na organização e animação de atividades e na utilização de eventos de vida compartilhados.

4. Resultados

4.1. Relato da experiência: A construção de um jornal foi uma proposta que permitiu a atuação junto às crianças e adolescentes atendidos em diversas dimensões. A primeira delas se refere a um projeto de incentivo à leitura e produção de textos. Foi constatado que a grande maioria das crianças e adolescentes atendidos pelo serviço não eram sequer alfabetizados e possuíam grande defasagem de aprendizado. No entanto, com o desenvolvimento das atividades, tal característica passou a ser mais acentuada, posto que a redação de um jornal exigia grande esforço de escrita e leitura. Um trabalho de maior aprofundamento foi feito junto a elas, buscando minorar tais dificuldades. A proposta do jornal era um espaço no qual esta dificuldade podia ser trabalhada, também rompendo com preconceitos (as crianças mais velhas relatavam ter vergonha de dizer que não sabiam ler e escrever, por exemplo) e promovendo o conhecimento e a troca de conteúdos e saberes. No relato das próprias crianças, esta atividade levava a um maior conhecimento acerca do código lingüístico, o que facilitava a sua comunicação com as outras pessoas e com o mundo (por exemplo, compreendendo uma propaganda escrita, o anúncio de um produto, a identificação de objetos, entre outros). Buscava-se, com isso, incentivar a produção de

textos, tentando levar a criança a estabelecer ligações entre a sua realidade e o texto que era escrito, em uma iniciativa de aproximação da realidade observada e da realidade registrada.

4.2. Organizações dos encontros e das atividades: Os encontros se davam três vezes por semana. No primeiro deles, às segundas-feiras, com duração de uma hora, ocorriam as reuniões de equipe. As reuniões eram coordenadas por monitores e educadores da própria instituição. Nesses encontros, os educadores destacavam os temas possíveis para serem trabalhados e as crianças opinavam, optando por um ou mais temas. Nessas reuniões também se fazia o planejamento das atividades que seriam realizadas durante a semana. No início, as atividades e as demandas eram levantadas pelos educadores.

Com o passar do tempo, as próprias crianças passaram a trazer temas a serem discutidos, muito baseadas em suas experiências do cotidiano. Um ponto importante a ser destacado é a participação da escola neste processo, uma vez que os jovens citavam muitos dos conhecimentos transmitidos e veiculados em ambiente escolar. Assim, a ligação entre as atividades desenvolvidas no núcleo de atendimento a criança e ao adolescente e as da escola pode ser estreitada, tendo em vista a promoção do desenvolvimento da clientela atendida. O segundo encontro se dava às terças-feiras e era de caráter prático. Nele, as crianças, sempre sob a supervisão de educadores, começavam a dar início aos trabalhos práticos relacionados ao tema escolhido, como observações de campo, levantamento de reportagens, pesquisas, trabalhos técnicos na comunidade etc. O terceiro encontro, às sextas-feiras, era dedicado à escrita e compilação de materiais levantados nos dois encontros anteriores. A parte escrita ocorria de diversas formas. A primeira delas podia ser em forma de redação, na qual se solicitava que cada criança tentasse escrever no papel aquilo que havia observado, como uma oficina de produção de textos. A outra forma de ação era com o uso do computador, na qual o educador levava algumas crianças para uma sala de informática e ia produzindo junto a elas textos e pequenas mensagens que seriam utilizadas no jornal. A produção de textos também assumia a forma de produção de cartazes e informativos à comunidade. Nesta oportunidade, as crianças tinham que produzir mensagens e slogans que compunham os cartazes que posteriormente seriam fixados na instituição e no bairro. Essas atividades em três dias eram realizadas durante três semanas consecutivas. Na quarta e última semana do mês as crianças se dedicavam à produção do jornal que ia para a parede da instituição, ou seja, selecionar as melhores reportagens, textos, fotos e desenhos para ilustrar a edição referente àquele tema. O jornal era oficialmente apresentado à instituição (entendida aqui como todas as demais crianças e adolescentes atendidos, os funcionários, estagiários e comunidade participante) ao final deste processo. O jornal permanecia fixado na parede por um mês, ou até o lançamento da edição seguinte.

Entre as atividades desenvolvidas, pode-se destacar a confecção de edições de jornal relacionadas ao tema do aquecimento global e do efeito estufa em um âmbito mais geral e temas específicos como o da reciclagem de lixo, da coleta seletiva de lixo, da limpeza de terrenos baldios no bairro, da limpeza da instituição, da necessidade de regras para orientar a coleta de lixo. Um dos trabalhos de maior impacto na comunidade foi a campanha de limpeza de terrenos baldios do bairro. As crianças fizeram um levantamento de todos os terrenos baldios que estavam sendo foco de acúmulo de lixo. Posteriormente, com a ajuda de educadores, elas entraram em contato com a prefeitura para solicitar a limpeza dos mesmos. Nesta oportunidade, houve o aprendizado acerca das diferenças entre terrenos públicos e terrenos privados, bem como a discussão sobre a responsabilidade de limpeza e conservação desses bens. Discutiu-se como a prefeitura pode trabalhar para melhorar a limpeza e conservação desses espaços, trabalhando-se com aspectos como as leis ambientais, as leis municipais que fazem esta regulamentação, bem

como a questão da consciência ambiental da população. O projeto saiu às ruas e as crianças passaram a conscientizar a população acerca dos prejuízos que poderiam ser causados e como cada um poderia contribuir para melhorar a situação. O projeto adquiriu forte impacto junto às crianças, também pela mobilização de produção de cartazes sobre a questão ambiental, entendendo que o meio ambiente não está apenas em um ecossistema de amplas dimensões, mas também está na escola, na casa de cada um, em uma instituição, em todos os espaços de compartilhamento público. Os temas eram discutidos em termos gerais, em um primeiro momento, e posteriormente passavam para uma discussão dentro da realidade vivenciada pelos jovens.

Um ponto a ser evidenciado é o que tange ao desenvolvimento do espírito crítico das crianças e adolescentes que participavam das atividades. No início do trabalho, os jovens se mostravam em uma posição bastante cômoda, como se estivessem acostumados com o fato de que o lixo era jogado em qualquer lugar ou que não era devidamente separado. Embora soubessem da problemática, a maioria das vezes instruídos pela escola ou pela televisão que isso não estava correto, muito pouco era feito no sentido de mudar esta realidade. As discussões, de início, pobres e pouco aprofundadas, foram cedendo espaço para problematizações pertinentes e para o desenvolvimento de propostas de atuação. Um outro aspecto a ser enlevado é o que se refere à assunção da identidade cidadã de cada jovem participante, uma vez que pôde refletir acerca de seu papel e de sua importância na sociedade, justamente levantando questões, atuando junto à comunidade e buscando soluções para os problemas do bairro, da instituição, da cidade, do mundo. Neste sentido, o nome do jornal-mural, escolhido pelos próprios jovens e educadores, “Na Contramão”, estava imbuído de um caráter de constante questionamento acerca da realidade: por que não questionar? Por que não ir à contramão do usual? Por que não ir contra o óbvio? Esta iniciativa está ligada à necessidade de reflexão acerca do ambiente em que se vive e do modo com as idéias e os fatos são passados, freqüentemente, como imposições do meio, colocando os jovens em situação de assujeitamento.

O espaço de exposição do jornal em um dos muros da instituição (daí o nome jornal-mural) também foi um aspecto que contribuiu para despertar o interesse de outros jovens para também participarem em futuras edições. O processo de seleção das crianças (primeiramente privilegiar as crianças que eram apontadas como “difíceis” pelos educadores) também se mostrou positivo, uma vez que tais participantes revelavam-se lideranças em seus grupos, o que pôde motivar outros jovens para participarem também. Obviamente, o processo nem sempre ocorreu de modo linear. Entre os maiores desafios da equipe de educadores estavam a necessidade de manter os jovens motivados com o trabalho, uma vez que eles apresentavam uma característica de abandonar muitas das atividades que iniciavam. Em termos do referencial teórico adotado, priorizou-se o estabelecimento de uma relação sólida entre o educador e as crianças e adolescentes, pautada por aspectos tais como a aceitação, segurança, ética e responsabilidade, auxiliando o processo de desenvolvimento da pessoa, o que se deu dentro de uma compreensão contínua e profunda de si e do outro. A partir do olhar psicoeducativo, jovens e educadores corporificaram a atuação não apenas no fazer das atividades relacionadas ao jornal, mas também no nível do “saber ser”, em que todos os atores puderam interagir como parte do projeto, como protagonistas dessa construção conjunta e também como agentes reflexivos sobre as práticas de cada um dentro da instituição e também na dimensão social. Em futuras intervenções e extensões desta atividade, é necessário que os educadores estejam atentos ao fato de que a atividade deve se mostrar sempre ágil e dinâmica, surgindo a necessidade de que haja um planejamento sempre atuante, de modo a promover justamente os aspectos que se deseja entre os jovens, ou seja, o

protagonismo ao invés da passividade, o compromisso ao invés do absenteísmo, a mobilização e o engajamento ao invés de uma postura de esquivar e de não envolvimento com os problemas sociais (problemas esses que remetem a dimensões maiores – mundo – e também a dimensões menores, como a comunidade, o bairro, a instituição, a escola, o meio familiar).

5. Considerações finais

Com este trabalho, fica evidente que todo trabalho social deve ter em mente uma visão de ser humano amparada na concepção de que as crianças e adolescentes são portadores de desejos, necessidades e de potencialidades dentro de seu desenvolvimento. Assim, elas não são apenas receptáculos passivos de influências externas, mas respondem constantemente ao meio e reagem a ele. As atividades desenvolvidas na instituição ilustram o modo como esta reação torna-se sadia, ao possibilitar engajamento social e reflexão, aspectos decisivos no processo de assunção da cidadania por parte de cada jovem assistido. A partir deste projeto, pôde-se observar, ainda, o engajamento social dos jovens atendidos, na medida em que cada um se colocava como agente de transformação em seu meio, participando de campanhas de conscientização, de manifestações e de eventos de divulgação dos trabalhos realizados. Promoveu-se, deste modo, o chamado protagonismo social e o “saber ser”, na medida em que cada participante era convidado a assumir os problemas levantados pela comunidade e propor soluções, sempre atuando de modo ativo e comprometido com os objetivos e propósitos do projeto.

Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.
- BAZON, M.R.; AZEVEDO, R.N.; PESTANA, P.F.F. Intervenção de ajuda a crianças e adolescentes considerados em situação de risco psicossocial: o modelo da Psicoeducação. Em Simon, C.P., Melo-Silva, L.L. & Santos, M.A. (Orgs.). **Formação em Psicologia: desafios da diversidade na pesquisa e na prática**. Ribeirão Preto, SP: Vetor, 2005.
- CECCONELLO, A.M.; KOLLER, S.H.. Avaliação do comportamento social em crianças em situação de risco. **Psico USP**, vol.8, n.1. 2003
- CELIA, S. Promoção da saúde e resiliência. In: Fichtner, N. (org.) **Prevenção, diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais da infância e da adolescência: um enfoque desenvolvimental**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- FREITAS, M.C. (Org.) **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- LAJOLO, M. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M.C. (Org) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- RABÊLLO, M.E.D.L. **O que é protagonismo juvenil?** Disponível em: <http://www.cedeca.org.br/PDF/protagonismo_juvenil_eleonora_rabello.pdf>
- RORIZ, T. M. **Inclusão/exclusão social e escolar de crianças com paralisia cerebral, sob a óptica dos profissionais de saúde**. Dissertação (mestrado). Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2005.
- RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. In: ROLF, J., MASTEN, A. S., CICCETTI, D. et al. **Risk and protective factors in the development of psychopathology**. Cambridge, 1990.
- SPINK, M. J. **Psicologia Social e Saúde: práticas, saberes e sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

